



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
UNIDADE ACADÊMICA DE LETRAS
CURSO DE LICENCIATURA PELA EM LETRAS –
LÍNGUA PORTUGUESA**

PAULA RAQUEL TAVARES DE ALBUQUERQUE

**DIVERSIDADE DIALETAL NOS LIVROS DIDÁTICOS: UMA PROPOSTA DE
ABORDAGEM DIACRÔNICA**

Cajazeiras- Paraíba

Março 2018

PAULA RAQUEL TAVARES DE ALBUQUERQUE

**DIVERSIDADE DIALETAL NOS LIVROS DIDÁTICOS: UMA PROPOSTA DE
ABORDAGEM DIACRÔNICA**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Curso de Letras/Língua Portuguesa, do Centro de Formação de Professores da Universidade Federal de Campina Grande, *Campus* de Cajazeiras, como requisito de avaliação para obtenção do título de Licenciada em Letras.

Orientador: Prof. Esp. Abdoral Inácio da Silva

Cajazeiras- Paraíba

Março 2018

PAULA RAQUEL TAVARES DE ALBUQUERQUE

**DIVERSIDADE DIALETAL NOS LIVROS DIDÁTICOS: UMA PROPOSTA DE
ABORDAGEM DIACRÔNICA**

Monografia apresentada ao Curso de
Letras – Licenciatura em Língua
Portuguesa da Unidade Acadêmica de
Letras do Centro de Formação de
Professores da Universidade Federal de
Campina Grande.

Aprovado em: 08/03/2018

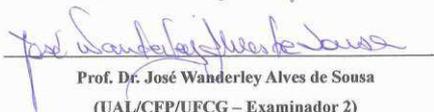
BANCA EXAMINADORA



Prof. Esp. Abdonal Inácio da Silva
(UAL/CFP/UFCG – Orientador)



Prof. Dr. Jorgevaldo de Souza Silva
(UAL/CFP/UFCG – Examinador 1)



Prof. Dr. José Wanderley Alves de Sousa
(UAL/CFP/UFCG – Examinador 2)

A Deus, o grande arquiteto do universo,
Aos meus pais, Paulo Tavares Sobrinho e
Maria Nunes de Albuquerque Tavares,
aos meus irmãos, cunhadas, sobrinha,
amigos e colegas que acompanham a
minha caminhada me motivando para a
realização desse sonho.

AGRADECIMENTOS

A Deus por ter me dado força e coragem para lutar pelos objetivos almejados.

Aos meus pais, Paulo Tavares Sobrinho e Maria Nunes de Albuquerque Tavares, por sempre estar ao meu lado, me incentivando e apoiando minhas lutas e conquistas.

Aos meus Irmãos, Germano Diego, Paulo Júnior, Antônio Vilêcio, José Ricardo, Flávio Henrique, José Leonardo, Maria Cristina e José Marcelo, pelo apoio e parceria em todos os momentos da minha vida.

Às minhas cunhadas, Sanaelly e Querubina, pelo suporte e estímulo para a realização deste trabalho.

À minha sobrinha Ágatta Maria, que mesmo estando na barriga da sua mãe sempre me incentivou com todos os seus chutes, e me deu forças para nunca desistir.

Aos meus avós paternos (in memoriam) e maternos, tios, tias e primos (as), por me encorajar a lutar pelos meus sonhos.

Aos meus companheiros de labuta, por me encorajarem em todos os momentos durante a graduação. Vocês fora/são o meu melhor presente.

A Rafael, o motorista do ônibus pela paciência, dedicação e cuidado ao dirigir o ônibus todos os dias no percurso São José de Piranhas- Cajazeiras, sem você este sonho não teria se concretizado.

A todos aqueles motoristas que me levaram de carona para a UFCG quando o ônibus quebrava muito obrigada.

À família Bandeira por ter me hospedado em sua residência sempre que eu precisava. Vocês tornaram-se minha segunda família.

A Amanda, por me animar diante de todas as situações vividas durante a graduação.

A Danuza por acreditar em mim e por não me deixar desistir.

A Izabel, Lenise, Fátima, Tatiana, Joice, Nayara, Mateus, Leandro, Gil, Eliziane e Daniele, Jocilene, Manuel, Gracinha, Mayara, Sizanete, por se compartilharem momentos inenarráveis e por se manterem firme ao meu lado.

Ao meu orientador Abdoral, pela sua paciência, dedicação e disponibilidaue durante a realização deste trabalho.

A Thaíze, Tamires, Taline e Tomás pela amizade, incentivo e assistência nos momentos de angustias.

A Érica pela paciência e apoio nas horas precisas.

Aos meus amigos Marcondes e a Gilvânia pelos conselhos, paciência, apoio, carinho, e por sempre estarem presentes na minha vida mesmo que de longe.

À CAPES, por todo o apoio financeiro durante dois anos (2016-2018) enquanto bolsista do subprojeto PIBID Língua Portuguesa.

Aos meus professores, Onireves, Fátima Elias, Jorgevaldo, Abdoral, Nazareth, Rose, Lourdes, Wanderley, Irlanda e Erlane pelo conhecimento transmitido e pelos ensinamentos, levarei comigo para sempre.

[...] O tempo altera todas as coisas;
não existe razão para que a língua
escape a essa lei universal.”

Ferdinand de Saussure

RESUMO

Este trabalho é dividido em três capítulos. No primeiro capítulo fazemos análise do Livro Didático mostrando como os autores didáticos elencam o processo de formação de palavras pelo viés histórico da origem da língua portuguesa. No segundo capítulo apresentamos o percurso histórico da língua portuguesa, desde surgimento na Península Ibérica, com o surgimento do latim clássico até o português moderno. E, no terceiro capítulo trazemos um apanhado sobre a formação do léxico do latim vulgar até o português brasileiro. Deste modo, temos como objetivo geral analisar como o livro didático aborda o processo de formação de palavras, na perspectiva histórica da língua portuguesa no livro didático do sexto ano do ensino fundamental. Para a realização do trabalho, foi realizada uma pesquisa bibliográfica de cunho qualitativo, que tem como base as discussões teóricas que já existem sobre as reflexões da origem e da evolução da história da língua portuguesa, bem como do processo de formação de palavras do léxico brasileiro, especialmente a partir da análise de um livro didático de Língua Portuguesa do sexto ano do ensino fundamental. Como aporte teórico usamos: Assis (s/d) Ilari (1999), Cereja e Cochar (2015), Othero (2003), Teyssier (2001).

Palavras-chave: Língua Portuguesa. Ensino. Processo de formação de palavras. Livro didático.

ABSTRACT

This work is divided into three chapters. In the first chapter we analyze the Didactic Book showing how the didactic authors list the process of word formation by the historical perspective of the origin of the Portuguese language. In the second chapter we present the historical course of the Portuguese language, since its emergence in the Iberian Peninsula, with the emergence of classical Latin to modern Portuguese. And, in the third chapter we bring a survey about the formation of the lexicon of Vulgar Latin to Brazilian Portuguese. In this way, we have as general objective to analyze, how the textbook addresses the process of word formation, in the historical perspective of the Portuguese language in the textbook of the sixth year of elementary school II. For the accomplishment of the work, a qualitative bibliographical research was carried out, based on the theoretical discussions that already exist, on the reflections of the origin and the evolution of the history of the Portuguese language, as well as the process of word formation of the Brazilian lexicon, with the intention of deepening the theme in question. While, theoretical contribution we use: Assis (s / d) Ilari (1999), Cherry and Cochar (2015), Othero (2003), Teyssier (2001). With the analysis of the didactic book it was concluded that the study of the formation of the Portuguese lexicon in the school is still very deficient, in other words, the didactic authors Cereja and Cochar bring in a very succinct way the historical aspects of the Portuguese Language.

Keywords: Portuguese language. Teaching. Word Formation Process. Textbook.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
1 ANÁLISE DO LIVRO DIDÁTICO	15
1.1 APRESENTAÇÃO DO LIVRO DIDÁTICO.....	15
1.2 ANÁLISE DO LIVRO DIDÁTICO.....	15
2. DO LATIM AO PORTUGUÊS MÉDIO: MUDANÇAS MORFOLÓGICAS, SINTÁTICAS E FONÉTICAS	25
2.1 ORIGEM DA LÍNGUA LATINA	25
2.2 A DOMINAÇÃO ROMANA NA PENÍNSULA IBÉRICA E AS INVASÕES BÁRBARAS	29
2.3 A EVOLUÇÃO DA LÍNGUA PORTUGUESA: DO GALEGO PORTUGUÊS AO PORTUGUÊS MÉDIO.....	30
2.3.1 A EVOLUÇÃO DO PORTUGUÊS MÉDIO AO CLÁSSICO	35
2.3.2 A TRANSFORMAÇÃO DO PORTUGUÊS CLÁSSICO AO MODERNO.....	38
3. A FORMAÇÃO DO LÉXICO DO LATIM VULGAR AO PORTUGUÊS BRASILEIRO	40
3.1 FORMAÇÃO DO LÉXICO DO LATIM VULGAR.....	40
3.2 FORMAÇÕES DO LÉXICO DO GALEGO PORTUGUÊS	41
3.3 FORMAÇÃO DO LÉXICO DO PORTUGUÊS	42
3.4 FORMAÇÃO DO PORTUGUÊS BRASILEIRO	43
3.4.1 ORIGEM DO BRASIL	43
3.5 CARACTERÍSTICAS DO PORTUGUÊS BRASILEIRO	44
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	47
REFERÊNCIAS	49

LISTA DE FIGURAS

Figura 1	16
-	
Figura 2	20
-	

LISTA DE QUADRO

Quadro 1 -	Fatos importantes para a formação da língua portuguesa.....	16
Quadro 2 -	Posições pré-dorsodentais e Apico-avelolares.....	37

INTRODUÇÃO

O processo de ensino aprendizagem da História da Língua Portuguesa é um componente fundamental para a formação crítica dos estudantes de língua materna. Há muito tempo o ensino de Língua Portuguesa (doravante LP), é pautado no ensino de regras das gramaticais com uma perspectiva normativa do ensino de língua, que prioriza o que é certo e o que é errado. Dessa forma, sabemos que a área de conhecimentos da LP contempla duas grandes áreas: os estudos linguísticos e o literário. O viés do estudo linguístico é composto por todos os conteúdos que correspondem ao ensino da língua, seja do ponto de vista normativo, prescrito, descritivo ou histórico. Já o literário contempla os estudos a respeito da literatura brasileira, portuguesa e clássica.

É notório que mesmo depois da década de 1970, que ficou marcada pela mudança do ensino de LP, o que resultou em muitas inferências na componente curricular da LP, entre eles a inserção do estudo da História da Língua Portuguesa, que até então se baseava no ensino de listagem de nomenclaturas e aspectos morfossintáticos da língua. A partir desse momento, é inenarrável a importância da aprendizagem da História da Língua Portuguesa para os estudantes.

É evidente que quando se fala de métodos de ensino de L P, nos remetemos a principal ferramenta usada para este ensino que é o livro didático (doravante LD). É perceptível que mesmo diante de tantas inovações tecnológicas do mundo digital, o LD continua sendo a principal ferramenta utilizada pelos professores e de principal acesso ao alunado. O LD tem como principal incumbência propiciar o auxílio aos estudantes durante o processo de ensino aprendizagem na eficiência da compreensão dos conteúdos abordados.

O ensino de LP não é restrito apenas aos elementos lexicais e morfológicos da língua. É imprescindível que para a melhor compreensão do estudo desses elementos lexicais e morfológicos se conheça primeiro como surgiu a Língua Portuguesa elencando os principais elementos históricos responsáveis pela evolução do latim clássico até chegar português europeu, e como esta língua disseminou-se no Brasil.

O estudo do léxico na perspectiva histórica da língua portuguesa é abordado pelo livro didático no sexto ano do ensino fundamental, e conseqüentemente trabalhado nas escolas. O ensino do léxico está presente nas salas de aula, porém

ainda de forma muito vaga e superficial comparada à extensão deste conteúdo. Há certa dificuldade por parte dos professores transmitirem aos estudantes como ocorreu a evolução histórica do léxico da língua portuguesa. Sabemos que a língua é viva e transforma-se ao longo dos anos e para compreender esta transformação faz-se necessário estudar o processo de formação do item lexical da língua portuguesa que é derivada da evolução do latim clássico, ao latim vulgar, ao galego português, até chegar ao português brasileiro. Esta evolução se deu ao longo milhares de anos e de acordo com a necessidade dos falantes da língua portuguesa de maneira a facilitar a comunicação entre os falantes nativos da língua.

Nesse sentido, temos como objetivo geral desta pesquisa: Analisar como o LD aborda o processo de formação de palavras, na perspectiva da evolução histórica da língua. Para chegarmos a este objetivo geral, traçamos alguns objetivos específicos: Apresentar o percurso histórico da língua desde o latim clássico ao português; mostrar a evolução do léxico do latim vulgar ao português brasileiro e descrever o tratamento dado ao item lexical na perspectiva histórica da língua no livro didático.

Ressaltamos que, esta pesquisa surgiu pela motivação da disciplina História da Língua Portuguesa, no decorrer do curso de Letras-Língua Portuguesa, na Universidade Federal de Campina Grande, Campus Cajazeiras.

Para a realização deste trabalho foi realizada uma pesquisa bibliográfica de cunho qualitativo, que tem como base as discussões teóricas que já existem sobre as reflexões da origem e da evolução da história da língua portuguesa, bem como do processo de formação de palavras do léxico brasileiro, com o intuito de aprofundar a temática em questão. Enquanto aporte teórico usamos: Assis (s/d) Ilari (1999), Cereja e Cochar (2015), Othero (2003), Teyssier (2001).

Este trabalho é dividido em três capítulos. No primeiro capítulo fazemos análise do LD “português linguagens” mostrando como os autores didáticos elencam o processo de formação de palavras pelo viés histórico da origem da língua portuguesa. No segundo capítulo apresentamos o percurso histórico da língua portuguesa, desde surgimento na Península Ibérica, com o surgimento do latim clássico até o português moderno. E, por fim, no terceiro capítulo trazemos um apanhado sobre a formação do léxico do latim vulgar até o português brasileiro.

1 ANÁLISE DO LIVRO DIDÁTICO

1.1 APRESENTAÇÃO DO LIVRO DIDÁTICO

Para a realização da análise lexical na perspectiva histórica da formação das palavras usamos o livro didático do sexto ano do ensino fundamental, este que faz parte da coleção “português linguagens” dos autores William Cereja e Thereza Cochar. E que é aprovado pelo Programa Nacional do Livro Didático (PNLD), sendo adotado na rede municipal e estadual de ensino da cidade de São José de Piranhas, Paraíba.

O livro “português linguagens” é dividido em quatro unidades (04) e cada unidade contém três capítulos. No segundo capítulo da primeira unidade intitulado “pato aqui, pato acolá” localiza-se o estudo da formação das variações linguísticas bem como das diferenças históricas, o estudo da língua portuguesa no mundo. Para iniciarmos nossa análise partimos do seguinte questionamento: como o livro “português linguagens” aborda o processo de formação de palavras do português brasileiro?

1.2 ANÁLISE DO LIVRO DIDÁTICO

Cereja e Cochar (2015) intitulam a primeira unidade “no mundo da fantasia” e o segundo capítulo desta unidade é nomeado “pato aqui, pato acolá”. Os próprios títulos da unidade e do capítulo não remetem em momento algum os assuntos que são abordados na unidade e no capítulo. O capítulo é composto por três sessões. Na primeira sessão o estudo do texto é composto por: As três penas, Jacob Grimm, compreensão e interpretação, a linguagem do texto, cruzando linguagens, trocando ideias. A sessão seguinte, a produção de texto, é dividida em um subitem: O conto maravilhoso. Na terceira sessão temos a língua em foco, que é subdividida: linguagem: ação e interação, linguagem verbal e linguagem não verbal, os interlocutores, a língua, a linguagem verbal e não verbal, os interlocutores, a língua,

a linguagem e os códigos, o código linguístico na construção do texto, semântica e discurso, fonema e letra.

Os autores iniciam o segundo capítulo na página 32 com o texto “O patinho bonitinho”. Este texto é uma recriação de um conto maravilhoso de Hans Christian Andersen adaptado por Marcelo Coelho. Antes da leitura do texto, os autores explicam sobre o que os são contos maravilhosos para situar os estudantes sobre esse assunto. Na sequência começa o texto “o patinho bonitinho” e termina na página 34, em seguida traz um estudo dirigido sobre compreensão e interpretação de nove questões e uma nota sobre quem é Marcelo Coelho. Na página 35/36 temos outra atividade de três questões “a linguagem do texto” e duas notas sobre “intertextualidade no conto” e quem é o autor Hans Christian Andersen.

Na página 39 no item a língua em foco, os autores dão início às discussões sobre variações linguísticas. Estas discussões são entorno de uma atividade que contém uma tira de Fernando Gonsales.

Veja a tirinha abaixo.



Figura 1. (CEREJA e COCHAR, 2015. p.39).

A tirinha relata um diálogo entre uma mulher e um papagaio. O papagaio fala as palavras “bicicreta, cocrete e carderneta”. E a mulher com o rosto espantado diz: “nossa! Ele fala tudo errado”. No próximo quadrado a mulher procura o comprador e vai devolver o papagaio. Ao chegar à mulher fala: “vim devolver seu papagaio!”. E o senhor (comerciante e antigo dono) questiona a mulher dizendo: “argum probrema?”

É notório no modo de falar de ambos os personagens que há uma diferença. O papagaio assusta a mulher ao pronunciar as palavras “bicicreta, cocrete e carderneta”. A mulher, imediatamente já diz que ele fala tudo errado, e ao chegar para o comerciante para devolvê-lo percebe que o modo de falar do seu antigo dono também é “errado”.

Após essa tirinha, os autores trazem quatro questões a partir da reflexão do uso dessas palavras. As questões refletem as fala dos personagens. Os autores falam na primeira questão que o humor da tirinha é construído para explicar as diferenças do uso da língua portuguesa. Os autores perguntam quais as palavras que causam estranhamento na mulher, em seguida como provavelmente ela diria essas palavras. Na segunda questão é enfatizado, que para que o leitor compreenda a tirinha ele tenha conhecimentos sobre como os papagaios aprendem a falar. Na terceira questão, a mulher procura o antigo dono do papagaio (que é o comerciante) para devolvê-lo. Qual é a reação entre o homem e o papagaio? E o que a surpresa da fala do comerciante revela?

O enunciado da última questão mostra uma reflexão a cerca do uso dos diversos modos de falares e que geralmente eles geram preconceitos, ou seja, as pessoas podem ser julgadas positivamente ou negativamente pelo simplesmente modo de falar. Considerando a fala do comerciante, qual o outro motivo da mulher querer devolver o papagaio?

As questões sobre a tirinha levam o aluno a uma reflexão sobre o modo de falar das pessoas, mas os autores em nenhum momento explicam o que são variações linguísticas (antes da atividade) e não buscam uma resposta coesa para a variação das palavras “argum, probrema e bicicreta”. Além do que, o estudo das variações linguísticas faz parte da fala do português brasileiro, mas não há um estudo aprofundado de como surgiu está variação, nem há preocupação em dizer como surgiu a língua portuguesa e conseqüentemente o português do Brasil.

A fala do papagaio e do seu dono é considerada “errada” do ponto de vista da gramática normativa, mas existem fenômenos na formação do português brasileiro que podem explicar essa troca do r pelo l, como acontece no diálogo já mencionado. Assis (s/d, p. 145) explica que na formação do português do Brasil, na fonética ocorreu um fenômeno chamado rotacismo que é o fechamento de sílabas internas ocorrendo à troca do r pelo l, como é o caso de bicicreta (bicicleta), argum (algum) e probrema (problema) e por isso alguns falantes nativos do português brasileiro até os dias de hoje trocam o uso do r pelo l.

No item seguinte, após a atividade e a tirinha, os autores conceituam de forma bem resumida o que são variações linguísticas e quais são as suas principais causas. E continuam explicando o que é a norma padrão e as variedades de prestígio. Cereja e Cochar, afirmam de uma forma muito superficial que a língua está

sempre em mudança, em renovação, surgindo assim novas palavras, e desvalorizando as palavras antigas, ou seja, caem em desuso.

Assim, para evitar que cada falante use a língua a sua maneira, em todo o planeta existe estudiosos especialistas que registram e sistematizam a língua de um povo em determinado momento, que dá origem a norma padrão da língua. Essa norma padrão é uma espécie de “lei” que orienta o emprego do uso social da língua e que é registrada oficialmente nos dicionários e nas gramáticas. Os autores ainda destacam que a norma-padrão não existe de fato, nenhum falante do português fala a norma-padrão em todas as situações vividas. Esta norma é apenas um modelo a ser seguido, para orientar os usuários da língua nas situações mais formais.

Ainda é elencando que as variedades mais prestigiadas da língua aproximam-se da norma-padrão e são as variedades linguísticas urbanas, faladas nos grandes centros urbanos, pelas pessoas mais escolarizadas e de uma renda mais alta. E as variedades faladas pelas pessoas de um grau de escolaridade inferior, ou até mesmo analfabetos, que possuem uma baixa renda ou que moram em uma cidade do interior são menos prestigiadas, frequentemente, são vítimas do preconceito linguístico.

Vale ressaltar que é muito comum ouvir alguém falar que o português falado em algumas cidades ou estados é mais correto que outros. Na perspectiva linguística não existe uma variedade linguística melhor ou mais correta do que outra. Dessa forma, mesmo que a variedade linguística seja bem distinta da norma-padrão, ela será considerada adequada se permitir a comunicação entre os falantes de modo eficiente.

É muito comum que as variações existentes na língua sejam motivos de constante preconceito. Os cidadãos de baixa escolaridade, ou vindas de regiões menos desenvolvidas ou do interior, são ridicularizadas pelo simples fato de falar uma variação menos prestigiada socialmente.

Os autores afirmam que a norma-padrão é vista como uma variedade prestigiada da língua, e explicam o porquê, mas não recorrem ao olhar histórico da língua para justificar. Retomando o que foi exposto no capítulo 01, Coutinho (2005), enfatiza que na origem da língua portuguesa existia o latim clássico que também é denominado o sermo urbano: ou seja, estilizado, instrumento da literatura, e o sermovulgaris: era o latim vulgar, popular, do povo. Da mesma forma que aconteceu com o latim clássico quando evoluiu para o latim vulgar, o latim clássico permaneceu

sendo o latim considerado certo e o mais prestigiado, pois era usado pelos escritores latinos sendo considerada a modalidade de língua escrita mais prestigiada, no Brasil a norma-padrão é considerada a mais prestigiada (sendo considerado o antigo latim clássico) por ser a mais correta, usada pelos escritores nos livros e gramáticas e pelas pessoas mais cultas.

Já o latim vulgar o *sermos vulgaris* é uma língua simples, não precisa ser escrito de forma correta e era a língua usada pelo povo, (soldados, camponeses, artista de circo, etc.). O mesmo ocorre com a variedade não padrão (que é considerado a latim vulgar) que muitas das vezes é considerada errada, por ser justamente ser falada pelo povo e pelo fato de não ter grau mais elevado de escolaridade ou por não ser escolarizado, ou seja, a origem desse preconceito não é algo novo, nem exclusivo do português brasileiro, mas sim um preconceito antigo decorrente da gênese do português.

Na página 42, os autores prosseguem apontando quais são os tipos de variações linguísticas que são: por diferença de lugar ou região, escolaridade e classe social e diferenças históricas.

No primeiro momento é exposto que as variações linguísticas acontecem por diversos fatores. O primeiro fator que Cereja e Cochar apontam é as diferenças de lugares e regiões. Alguns lugares geográficos diferem quanto ao uso das variações da língua. Por exemplo, as cidades do interior (o autor não especifica de imediato se é do Brasil ou de outro país, só mais a frente é que o leitor/aluno identifica que é o seu país de origem), apresentam uma variação linguística diferente da falada na capital; “o português falado no Rio Grande do Sul difere do falado no Pernambuco e no Pará e o português falado no Brasil distingue do português falado nos países da África, que também fala português”. (CEREJA e COCHAR, 2015. p. 42)

Essas diferenças podem ser em vários aspectos: pronúncia (som), léxico (vocabulário) ou construções frasais (sintaxe). Para exemplificar o autor traz uma tirinha com dois quadros de Chico Bento. Veja a tirinha abaixo:



Figura 2. (CEREJA e COCHAR, 2015. p.42).

No primeiro quadro Cebolinha fala: “eu quiria sê como esse passarinho!”. No quadro seguinte ele é acertado pelo estilingue na cabeça e é reproduzido o som da pedra ao bater na cabeça dele: Tóim (figura de linguagem onomatopeia) No último quadro da tirinha o Cascão está de pé olhando para Cebolinha deitado fala: “discurpa, Chico!” No primeiro quadrinho Chico Bento (autor da tirinha), enfatiza a grande maioria dos brasileiros, usam a palavra “quiria” em vez de queria e sê em vez de ser. Já o outro personagem é um falante do dialeto caipira é frequente a troca o l por r, por exemplo, arto e alto.

È perceptível que o livro didático precisa de uma representação maior sobre o estudo das variações linguísticas. Sabemos que o Brasil é um país de grande extensão territorial e na formação do português brasileiro em algumas regiões a pronúncia, o léxico e as construções frasais podem divergir. Nesse processo de adaptação da língua portuguesa as vogais e as consoantes passam por transformações. De acordo com Teyssier (2001), na fonética as vogais pretônicas passam por um processo de transformação e por isso muitas das usam a alternância entre do *i* no ao em vez de *e*, e ignorar totalmente a vogal central *e*, que é característica do português europeu. Por isso é recorrente a pronuncia da palavra “quirida” em vez de querida.

Outro fenômeno corriqueiro na pronúncia do brasileiro é a supressão do r no final das palavras, ou seja, não se pronuncia o r em doutor, mas sim doutô, do mesmo do ocorre com a palavra ser e sê. O r que perdura nos escritos formais, no Brasil é o r forte como em carro, e em Portugal esse r é brando (caro). A palavra “discurpa” é muito comum ser pronunciada pelos usuários da língua nas cidades interioranas do nosso país e ela passa por dois processos para de adaptações

sendo esses: a alternância do pelo **e**, pelo **i**, e a troca do **r** pelo **l**, que Assis (s/d, p.145) chama de rotacismo.

No segundo momento é exposta a variante pelo grau de escolaridade e classe social como já foi exposta na página 39 na tirinha de Fernando Gosales que apresenta exemplos “bicicreta”, “cardeneta” e “concrete” como variações de baixo grau de escolaridade, ou seja, pessoas que possuem grau de escolaridade ou que nunca frequentaram uma escola.

Vale ressaltar que Cereja e Cochar usam os mesmos exemplos para mostrar o que são variações linguísticas e a variante pelo grau de escolaridade e classe social. É notório que os autores explicam de uma forma muito sucinta (ou quase não discutem a respeito) quanto à conceituação da classificação da variante grau de escolaridade e classe social, e não buscam nenhum exemplo novo e os antigos exemplos não recebem nenhuma explicação apenas são citados. As palavras “bicicreta”, “cardeneta” e “concrete” como já foram posto acima recebem esta pronuncia por terem passado pelo processo de rotacismo, que é a troca do **r** pelo **l**.

O terceiro momento da página 43 é sobre as diferenças históricas. Os autores afirmam que “com o passar do tempo, uma língua sofre variações” (CEREJA e COCHAR, 2015. p.43). E prosseguem com uma cantiga de roda:

“Chora, menina, chora
Chora porque não tem
Vintém.
Menina, que está na roda
Parece uma toleirona,
Bobona”. (Domínio Público).

Nos versos acima, existem duas palavras que caíram em desuso: vintém e toleirona. Vintém quer dizer moeda antiga de pouco valor e toleirona é uma pessoa tola, bobona.

Os autores, assim como nos itens acima descritos apresentam de uma forma muito resumida quais fatores históricos influenciam no processo de formação do português brasileiro, ou seja, eles apenas dizem que a língua sofre variações e cita dois exemplos presentes em um poema. É evidente, que nas diferenças históricas do português brasileiro existem outros fatores para ser elencados:

O português, assim como as outras línguas transforma-se ao longo dos anos. A língua é viva e por isso ajusta a época, idade, sexo, grau de escolaridade, e status econômico. Por isso com o passar dos anos algumas palavras caem em desuso. É muito comum no discurso cotidiano dos nossos pais, avós e tios ouvirmos palavras que na atualidade não se usa mais. Por exemplo: Alpercata (sandália), ceroula (cuecas compridas), sirigaita (moça mal-educada), labisgoia (mulher vulgar), quiproquó (confusão) e os pronomes de tratamentos na época do Brasil colônia era “Vossa mercê”, atualmente (você), vossa majestade (era muito comum nesta época os plebeus usarem o pronome de tratamento quando vai referir-se ao rei).

É imprescindível que os professores de Língua Portuguesa instruamos estudantes de acordo com Teyssier (2001), O vocabulário do português brasileiro, é influenciado por diversos fatores histórico na sua formação devido ao seu processo de colonização. Considerando que foi exposto no capítulo dois, antes da chegada dos portugueses as terras brasileiras povos indígenas já habitavam esta região e conseqüentemente deixaram sua influencia no léxico. Da mesma forma, que os africanos também deixaram suas influências no nosso vocabulário.

Na pagina 42, os autores trazem uma nota sobre o estudo da língua portuguesa no mundo:

A língua portuguesa tem uma presença significativa em quatro continentes. Além de ser falado no Brasil (América do Sul) e em Portugal (Europa), está presente na Angola, Moçambique, Cabo Verde, Guiné- Bissau, São Tomé, e Príncipe (na África) e em Goa e Timor Leste (Ásia). Se dentro do Brasil notamos a variações linguísticas de uma região para outra, imagine de um continente para outro. (DAURTE, 2003 apud CEREJA e COCHAR, 2015. p. 42).

É evidente que o modo como livro didático mostra o estudo a respeito da História da Língua Portuguesa no mundo é muito inadequado. Os autores, em nenhum momento apresentam como a Língua Portuguesa se expandiu nos quatro continentes. É pertinente que, para um estudo mais aprofundado da disseminação do português discuta sobre o aspecto mais importante: as Grandes Navegações. Segundo Assis (s/d. p, 142), só foi possível à disseminação do português no mundo a partir das grandes navegações.

Os portugueses, pioneiros nas grandes navegações conquistaram muitos países e aos poucos a língua portuguesa chegou aos quatro continentes. Existem dois aspectos a serem considerados: o mundo lusófono, ou seja, a população que fala português atualmente calculado entre 200 e 240 milhões de pessoas. O português é a oitava língua falada no mundo, e a terceira entre as línguas do ocidente, depois do inglês e do castelhano.

Silva Elia (1989) apud Assis (s/d) destaca que a expansão do português depende da quantidade de falantes do português que foram para a mesma região, das relações entre colonizadores portugueses e a população local, e do interesse dos falantes em relação à região.

Muitos países que os portugueses colonizaram já havia línguas nativas, mas isso não impediu que o português se difundisse (como foi o caso do Brasil). Na África, houve até a criação da língua dos crioulos de base portuguesa.

Para compreender o espaço geográfico e linguístico que o português ocupa Silva Elia (1989) apud Assis (s/d), toma como base um conceito da România e faz uma classificação dos países que falam português:

A Lusitânia antiga que compreende a Portugal, Madeira e Açores, Lusitânia nova, que corresponde ao Brasil, Lusitânia novíssima que corresponde aos cinco países da África, Lusitânia perdida, que corresponde a regiões da Ásia, onde não existe esperança que se sobreviva o português, e por fim, a Lusitânia dispersa, que diz respeito as comunidade que falam português espalhadas no mundo gerado pela imigração.

Assim, é de suma importância apresentar para os estudantes de língua portuguesa o estudo bem aprofundado o processo de formação da História da Língua Portuguesa desde seu surgimento, a sua disseminação no Brasil, e conseqüentemente nos países que falam português. O modo de como o professor de LP trabalha com os conteúdos em sala de aula é refletido na forma de pensar dos estudantes, logo, eles absolvem estes conhecimentos e usam na vida. Desta forma, depois que os educandos apreendem que o fenômeno de rotacismo (a troca do r pelo l) é um resquício da evolução da língua eles terão um respeito mutuou pelo seu modo de falar e das outras pessoas.

É importante salientar aos professores de LP, que ao receberem os materiais didáticos, especificamente o livro didático, analise se eles contemplam de maneira eficiente os aspectos relevantes sobre o processo de formação de da História da

Língua Portuguesa. Caso, no LD, não traga todos os aspectos a que devem ser trabalhado, é de inteira responsabilidade do professor de Língua Materna buscar outras matérias complementares para tornar o processo de ensino-aprendizado mais produtivo.

2. DO LATIM AO PORTUGUÊS MÉDIO: MUDANÇAS MORFOLÓGICAS, SINTÁTICAS E FONÉTICAS

2.1 ORIGEM DA LÍNGUA LATINA

Sabemos que a língua assim como outras atividades humanas sofrem transformações ao longo do tempo. Dessa forma, aconteceu com o latim clássico que sofreu alterações fazendo surgir o latim vulgar que, por sua vez, evoluiu originando as línguas românicas ou neolatinas sendo elas: a língua portuguesa, o espanhol, o italiano, o provençal, o catalão, o galego, o rético, o dalmático (este, já extinto), tendo como raiz o latim. Segundo Coutinho (2005), “a língua portuguesa é a própria língua latina modificada. Deste modo, a língua latina não está morta, e continua viva transformando-se de acordo com a necessidade do grupo das línguas neolatinas.” Desse modo enquanto existir palavras, fonemas e falante a língua vai permanecer a mudar, transformar e principalmente a adaptá-la, pois a língua é dinâmica.

De acordo com Othero (2003), o latim surgiu na região central da Itália, em um distrito chamado Lácio, localizado às margens do Rio Tibre, onde está atualmente situada na cidade de Roma e disseminou-se no território ibérico através da influencia dos romanos. Antes da expansão do domínio romano na península, o Lácio era habitado pelos camponeses e agricultores tendo como vizinhos os etruscos e outros povos da Península. O latim não era a única língua falada na Península Ibérica, falava-se o osco, o umbro, o etrusco e o grego, mas o latim sobressaiu-se entre as demais, em virtude da supremacia e da expansão do exército romano.

Em conformidade com isso, no início do século III. a.C., o latim assumiu uma forma literária e com o passar do tempo construiu-se uma gramática com normas distintas. Apesar disso, somente anos mais tardes surgiram os gramáticos mais importantes, como Donato (séc. IV d.C.) e Prisciano (séc. VI. d.C.) que introduziram os conceitos mais relevantes para a gramática e que são usados até os dias de hoje tais como: é o caso do nome, verbo, particípio, pronome, preposição, advérbio, interjeição e conjunção. Imprescindíveis para os estudos gramaticais na atualidade.

Considerando o contexto histórico, vale salientar que no ano 753 a.C., Roma foi fundada, provavelmente pelos latinos e sabinos e seu percurso histórico pode ser relatado em três grandes fases: Monarquia (753-509 a.C.), República (539-31 a.C.) e Império (27 a.C. – 407 d.C.).

No decorrer do período da república Roma, por sua vez, desenvolveu a economia e a cultura e deu início a sua expansão territorial e suas conquistas bélicas. Por volta de 500 anos, a região do Lácio tornou-se uma das maiores potências que o mundo já testemunhou. Primeiro os romanos conquistaram toda a península em seguida ocorreu às guerras púnicas contra Cartago que ameaçava a hegemonia romana. Em 146 a.C., derrotaram Cartago, em seguida o exército romano partiu para conquistar a Espanha, Portugal, a Gália, a Macedônia, a Grécia, o Oriente próximo, a África do Norte e o Egito. Além dessas cidades, culturas e civilizações, também conquistaram as Ilhas Sicília, Sardenha, Córsega, Creta, Chipre, entre outras.

No seu auge, os romanos dominaram todos os territórios que rodeavam o Mar Mediterrâneo, intitulado por eles de *Mare nostrum* (“nosso mar”), atingindo até o norte da Europa e o sul das Ilhas Britânicas.

A língua latina predominava em todas as civilizações, mas nem todos falam o latim da forma clássica e erudita que Cícero, Plauto e Sêneca, mas sim o latim dos soldados, dos escravos, dos comerciantes, da plebe e do povo romano, chamado latim vulgar. Este que era o oposto do latim clássico, sendo próximo da fala, sem preocupação com as regras e normas para se falar ou escrever corretamente. Foi desta língua popular com a proximidade das línguas faladas dos povos conquistados que originaram-se *as línguas neolatinas*.

O latim possuía divisões denominadas de *sermos*, que corresponde a expressão “línguas”, no português atual:

- *Sermo urbanus*: era o latim clássico, estilizado, instrumento da literatura;
- *Sermo vulgaris*: era o latim vulgar, popular, do povo;
- *Sermo quotidianus*: era a língua falada pela parte mais nobre da sociedade, língua de conversação, representada por Cícero; (Cartas) e Horácio (Sátiras e Epístolas);
- *Sermoruralis*: faz parte do latim vulgar (*sermovulgaris*) e era falado por camponeses e trabalhadores do campo;
- *Sermocastrensis*: também faz parte do *sermovulgaris*. Era falado

pelos soldados. (OTHERO, 2003,p.9, grifo do autor).

De acordo com Coutinho (2005), o latim clássico (que durou aproximadamente entre o século I. a.C e o século I d.C.) é o latim escrito, ou seja, está representado somente nas obras dos escritores latinos. Este que é caracterizado pelo aprimoramento no vocabulário, pela correção gramatical, pelo estilo elegante em uma palavra, o que Cícero denominava a urbanitas. Denomina-se latim vulgar o latim falado pelas classes inferiores no início e depois da dominação do Império Romano. Esta classe social abrangia uma multidão de pessoas incultas, ou seja, sem muito conhecimento livresco, na qual possuíam diversas criações de espíritos e não se preocupavam com formas artísticas ou literárias, que enfrentam com objetividade como bem afirma Coutinho:

“Representava este latim a soma de todos os falares das classes mais humildes. Era uma espécie de denominador comum, que se sobrepunham às gírias das varias profissões, como instrumento familiar de comunicação diária.” (COUTINHO, 2005. p. 30). Ou seja, o latim vulgar abrangia esta classe social, a mais humilde entre as demais, pois incluíam diversas profissões como soldados a escravos livres, e a homens de circos, e entre todas essas pessoas poucas frequentaram a escola e só tinha o conhecimento básico.

O latim vulgar quanto à fonética, é caracterizado pela contração dos ditongos e hiatos. A simples vogal como é o caso de preda (praeda), plostrum (plaustrum), pareles (parietes), quetos (quietos), entre outras. Também, ocorreram outros fenômenos como: a alteração ou perda de alguns fonemas, exemplos: justicia (iustitia), cocere (coquere), rius (rius), paor (pauour). Houve o ofuscamento dos sons finais: es (est), posuerun (pouserunt), ama (amat), pos (post), biber (bibere). Há uma tendência em evitar o uso de palavras proparoxítonas: masculus (masculus), caldus (calidus), virdis (viridis).

Verificou-se também o desaparecimento do *h*, representado do latim clássico. Por exemplo: omo (homo), eres (heres), abere (habare). Em casos especiais aconteceu à permuta do acento como: cathédra (chátedra), muliérís (mulíeris), intégrum (íntegrum), *reténet (rétinet). Ocorreu à desnasalação da consoante *n* no grupo *ns* e *nf* como são os casos de asa (ansa), mesa (mensa), costal (constal), iferi (inferi).

Já na morfologia, o latim vulgar caracteriza-se pela diminuição das declinações, que passa de cinco para apenas três, devido à confusão gerada da quinta declinação com a primeira como em **dia*, ae (*dies*, ei), *glacia*, ae (*glacies*, ei) e da quarta com a segunda como é o caso de *fructus*, i (*fructus*, us), *gemitus*, i (*gemitus*, us). Assim como nas declinações, houve a diminuição dos casos, “[...] em todas as declinações, o vocativo com o nominativo; o genitivo, dativo e ablativo [...]”, [que foram se tornando menos necessários, passando a não serem tão usados pelos falantes, sendo substituídos pelo uso constante das preposições, no caso acusativo]. Exemplos: “*cum filios (cum filiis)*, *exlitteras (ex litteris)* [...]” (COUTINHO, 2005, p. 33, grifo do autor).

Outra ocorrência, na morfologia, foi a tendência pelo uso do masculino para os nomes neutros, no caso do singular: “[...] *vinus (vinum)*, *fatus (fatum)*, *templum (templum)* [...], [e no feminino, no caso do plural:] [...] *ligna (gen. Legnae)*, *fata (gen. fatae)* [...]” (COUTINHO, 2005, p. 33). Visível em tantos casos, ocorreu a modificação do uso das formas das sintéticas “[...] do comparativo e superlativo pelas analíticas:), *plus* ou *magis* *certus (certior)* *multum* *justus (justissimus multumjustus (justissimus))*.” (COUTINHO, 2005, p. 33). É notório, a utilização do pronome demonstrativo *ille*, *illa* e do numeral *unus*,

uma, bem como artigos: *ille*, *homo*, *illa*, *domus*, *unum templum* e também a modificação dos verbos *deponentes*¹ em ativos, **seco (sequor)*, *irasco (irascor)* e *mentio (mentior)* e por fim a perda de alguns tempos verbais do latim clássico como, o supino, o perfeito do infinitivo, o futuro do imperativo, entre outros.

A sintaxe do latim vulgar é caracterizada pelas construções analíticas, ou seja, a mudança como no caso de *credo quod terra est rotunda* para *credo terram esse rotundam*. Esta sintaxe também é marcada pelo uso recorrente das preposições invés dos casos como, por exemplo, *dedi ad patrem (dedi patri)*. Já na regência, alguns verbos diferem como é o caso de *persuadere aliquem*, *maledicere aliquem*. E por fim, possui uma ordem direta “[...] *Haec est autem vallis ingens et planissima, in qua filli Israhel commorati sunt his diebus, quod sanctus Moyses ascendit in montem Domini, et fuit ibi quadraginta noctibus.*” (COUTINHO, 2005, p.34).

¹Depoentes são verbos latinos que apresentam a forma passiva, mas com sentido na voz ativa.

Segundo Othero (2003) a morfologia do latim clássico caracteriza-se por possuir cinco declinações, seis casos, quatro conjugações (are, ēre, ěre e ire), apresentava-se na voz passiva sintética, possuíam adjetivos triformes e bi-formes [sic], fazia uso do superlativo absoluto sintético, e do comparativo [sic] sintético e nas suas orações não existia a presença de artigos.

A sua fonética é marcada pela presença do uso frequente de ditongos e hiatos, muitas palavras iniciavam com o grupo conso-nantal [sic], e possuíam tendência de terminar em consoante. Quanto ao uso de palavras, preferiam o uso simples [sic], (ou seja, só uma palavra, diferente do latim vulgar que preferia fazer o uso de palavras compostas), mas que sua origem seja erudita. A sintaxe, por sua vez tem como características a ordem inversas das palavras, o uso preferencial das orações reduzidas de acusativo e infinitivo. Quanto às formas sintéticas, apresenta uma limitação do uso de preposições, fazendo uso das desinências casuais. A seguir trataremos sobre alguns aspectos.

2.2 A DOMINAÇÃO ROMANA NA PENÍNSULA IBÉRICA E AS INVASÕES BÁRBARAS

Após derrotar Cartago nas guerras púnicas, os povos romanos dominaram a Península Ibérica e transformam em uma província romana em 197 a.C. A dominação política, social, militar e linguística ocorreu paulatinamente e todos os povos adotaram o latim como sua língua (exceto os bacos), embora a sua língua e a cultura fossem divergentes, poucas marcas influenciaram a língua latina.

A queda do império romano no século III d.C. têm como causa as invasões dos povos bárbaros. Os romanos denominavam bárbaros todos os povos que não residia no território do império romano. Esses povos tinham uma vida simples, contendo pequenas organizações sócias, mas possuíam um amplo armamento bélico.

Othero (2003) destaca que mesmo diante do sucesso do domínio romano, em meados do século III da nossa era, o Estado Romano entra em declínio. Historiadores afirmam que um dos principais fatores desse declínio seja a crise econômica, as invasões barbaras que aniquilaram o império. No ano de 395, o

grande império Romano foi dividido em duas partes: o Império Romano do Ocidente, tendo Roma como capital, e, Império Romano do Oriente sediado em Constantinopla. Em 476, com a morte do imperador Rômulo Augusto o Império Romano do Oriente decaiu. O Império Romano do Oriente existiu até o ano de 1453, quando os povos turcos conquistaram Constantinopla, encerrando com o maior império conhecido na História do homem.

Entre os bárbaros, os primeiros povos que chegaram a Península foram os vândalos, habitando a Galícia e a Bética, que ficou conhecida como Andaluzia. Anos depois eles emigraram para a África, onde construíram uma ampla monarquia. Em seguida, apareceram os suevos, fixaram-se na Galícia e na Lusitânia. Eles organizaram um Estado Pacífico e fundaram a primeira portocale, atualmente conhecido como porto. Por volta do ano de 585 d.C. pc, chegaram os Visigodos ou godos do ocidente, conduzidos por Ataúlfo. Instalando-se na Península conquistaram os suevos e desenvolveram um reino ousado e forte. O predomínio do poder visigodo durou até o ano de 711 d.C. e deixou marcas nas instituições e no direito, mas na língua da região, poucas marcas visigóticas foram transmitidas.

Apesar do convívio com a língua germânica terem perdurado durante três séculos, poucas foram as marcas deixadas no português reduzida apenas a alguns vocábulos a vinculados a vestes, armas, insígnias guerreiras, como, por exemplo, luva, estaca e roubar.

No fim do império visigótico, chegam os árabes a península com o exército de 12.000 homens tendo como comandante Tárique. Os povos árabes invadem e conquistam a parte sul da península Ibérica. A cultura árabe era mais elevada do que a dos povos da península, mas apesar disso o latim era a língua do povo e pouca foi a influência árabe na língua. A reconquista cristã decorreu do norte e noroeste da Península e um dos principais responsáveis por essa reconquista foi D. Henrique, pai de Afonso Henriques. No ano de 1492, os árabes foram expulsos, deixando marcas na culinária, nas artes, nas ciências e na arquitetura, mas pouco para o legado do vocabulário da língua portuguesa.

2.3 A EVOLUÇÃO DA LÍNGUA PORTUGUESA: DO GALEGO PORTUGUÊS AO PORTUGUÊS MÉDIO

De acordo com Othero (2003), as cruzadas cristãs iniciaram durante a invasão árabe. O rei de Leão e Castela, Afonso VI, incumbiu D. Henrique a afastar os árabes da Península Ibérica. Por diferentes favores dedicados a coroa e a religião foi concedido a D. Henrique a mão de D. Teresa, filha do rei Afonso VI e do Portucalense, região oeste da Península. Deste enlace matrimonial nasce Afonso Henriques.

Com a morte de D. Henrique D. Teresa planeja casar-se com D. Fernando, passando o condado para as mãos do domínio espanhol. Afonso VI, filho de D. Teresa insatisfeito com a decisão da mãe revolta-se e derrota-a.

Assis (s/d, p.133), ressalta que em 1140, Afonso Henriques expande os limites de Portugal para o Sul, e funda Portugal proclamando-se o primeiro rei desta nação. O ramaço² galego português, também conhecido como galaico- português ou português antigo concretizou-se com a língua falada e escrita na Lusitânia. Respectivamente com progresso dos cristãos para o sul, os dialetos do norte interagem com os dialetos de moçárabes do sul, iniciando o processo de distinção do português em relação ao galego- português. Esta separação de fato ocorreu com a independência e Portugal e efetiva-se com a expulsão dos mouros em 1249 e com a queda dos castelhanos em 1385 que tentaram agregar o país. O galego absolvido pelos castelhanos e o português tornam-se a língua oficial de Portugal.

Os primeiros vocábulos em língua portuguesa aparecem no século IX em documentos, monumentos ou peças de utilidades. São escritos em galego português os primeiros documentos oficiais e os documentos literários não latinos da região. Esses documentos são escritos em meados do século XIII, no início do reinado de D. Diniz a partir do momento que a chancelaria régia³ adota a português como língua escrita. Trazem uma língua mais autêntica e variada que a dos cancioneros e muitos apontam as influências de línguas do norte (leonês), fenômeno explicado pelo fato de ser desabitada as terras reconquistadas por camponeses vindos da Galiza.

²Ramaço: é o modo de falar dos romanos.

³ Chancelaria régia: repartição responsável por redigir e validar os escritos do rei de Portugal.

A poesia lírica prospera no final do século XIII até a metade do século XIV. As cantigas escritas em galego português e foram preservadas em coletâneas como os cancioneiros⁴ além das cantigas de Santa Maria:

- Cancioneiro da Ajuda: sistematizado na época dos trovadores (copiado no final do século XIII e início do século XIV, nesse período a imprensa ainda não existia), mais antigo códice⁵ de poesia profana, o que causou o menor risco de poesias preservadas. Localiza-se na Biblioteca da Ajuda em Lisboa, contendo preservadas 310 cantigas, sendo quase todas de amor.
- Cancioneiro da Vaticana: escrito em Itália, possivelmente nos anos iniciais do século XVI. Possui 1.205 cantigas e contém cantigas de diversos gêneros.
- Cancioneiro da Biblioteca Nacional de Lisboa: copiado na Itália, provavelmente no início do século XVI. Encontrado em 1878 na biblioteca do conde Brancuttido Calgi, em Ancoa. Em 1924 a Biblioteca Nacional de Lisboa adquiriu o acervo no qual se encontra até hoje. Possui 1.664 cantigas, sendo elas de todos os gêneros.
- Cantigas de Santa Maria – de Afonso X, o sábio (1221-1284), rei de Castela de Leão a partir de 1252; escritas em uma língua difícil fundamentada na linguagem dos povos da Galiza e no Norte de Portugal que contém a presença de arcaísmos, de autores galegos, portugueses, leoneses até castelhanos.

Nos cancioneiros, as poesias coletadas são agrupadas em três categorias: cantigas d'amigo [*sic*], que concerne em poemas de amor, no qual expressam traços populares que fala a respeito da mulher. Cantigas d'amor, poemas mais bem elaborados que possuem uma linguagem mais rebuscada de inspiração provençal, no qual quem fala é o homem. E por fim “[...] cantigas d'escarnho e de mal dizer, poemas satíricos, não raros extremamente grosseiros”. (ASSIS, s/d, p. 128).

A língua portuguesa é considerada um idioma a partir da cantiga “A Ribeirinha” de Paio Soares de Taveirós e também é considerado o texto mais antigo escrito em galego português. Esta cantiga pertence ao Cancioneiro da Ajuda e é dedicada a D. Maria Paes (amante do rei D. Sancho I), apelidada por “A Ribeirinha”.

⁴ Cancioneiros: coleção de poemas medievais

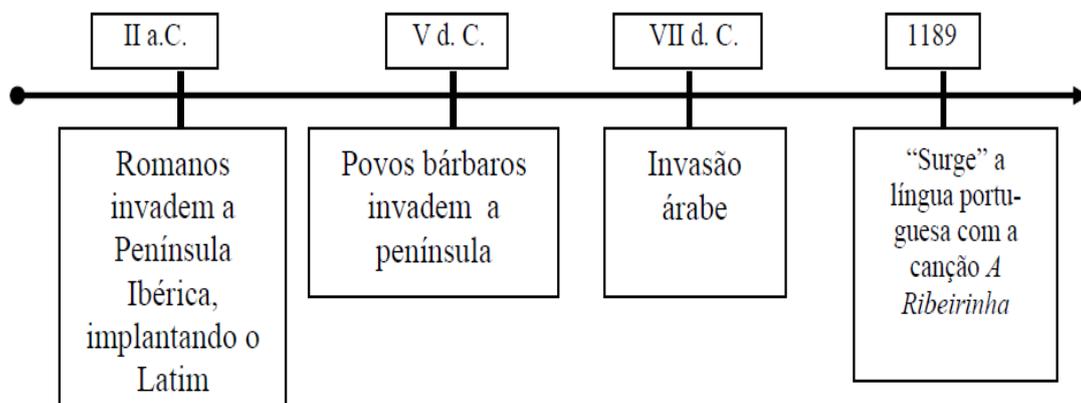
⁵ Códice: coleção de manuscritos.

A Ribeirinha

“No mundo no me sei parelha,
 mentre me for’ como me vai,
 cajamioro por vos- e ai
 minha senhor branca e vermelha,
 queredes que vos eu vi em saia!
 Mão dia que me levantei,
 que vos entonnom vi fea!”
 E, minha senhor, desde aqueldi’, ai! Me
 foi a mim muin mal,
 e vós filha de donPain
 Moniz, e bem vos semelha
 d’aver eu por vós guarvaia,
 pois eu, mia senhor, d’alfaia nunca
 de vós ouve nem ei valia d’uacorrea.”

Num mundo ninguém se assemelha a mim / enquanto a vida continuar como vai / porque morro por ti e ai / minha senhora de pele alva e rosadas, / quereis que eu vós descreva (retrate) / quando eu vos vi sem manto (saia: roupa íntima) / Maldito dia! me levantei / que não vós vi feia (ou seja, vi a mais bela).

E, minha senhora, desde daquele dia, ai / tudo me foi feito mal / e vós filha de Pai Moniz, e bem vos parece guarvaia (guarvaia: roupas luxuosas), / pois eu minha senhora como mim (ou prova do meu amor) de vós nunca recebi / algo, mesmo que sem valor (ASSIS s/d, p.128).



Quadro 1. Fatos importantes para a formação da língua portuguesa. Fonte: Othero (2003, p.12).

Segundo Assis (s/d, p. 129) a ortografia do galego português caracteriza-se basicamente por ser fonética e por possuir raras escritas etimológicas, o que acarreta as diferentes grafias da mesma palavra. O português arcaico usava o alfabeto com as mesmas letras simples do alfabeto latino, com exceção da letra k geminadas rr e ss. “[...] A língua era escrita para ouvida, nas cortes as cantigas eram recitadas; nas ordens religiosas, a leitura era feito oralmente e os livros eram ditados para serem copiados.” (ASSIS, s/d, p.129).

Na metade do século XIII notou-se a organização de algumas tradições gráficas. Por exemplo, o uso do ch para a africada [ts], consoante diferente do [s], no qual usa-se a grafia x como em sancho, chus. É perceptível a diferença dos sons de s, ç e s (intervocálico) e z, ch e x. Exemplo: o ch soava com tch, como em chuva (tchuva), o z soava como dz, como em cozer (codzer). Já o x soava como ch como é o caso de lucho > luxo e por fim o ç soava com ts como em paço e patso.

A partir de 1250, tem início o emprego das grafias de origem provençal nh e lh para o [n] e [l] palatal, tal como em gaanhar e velha. O til (~) começou a ser utilizado como símbolo de nasalização além do uso das consoantes nasal como, por exemplo, razõ, razom, razon. Era evidente a confusão existente entre as grafias, i- u, j- v bem como o uso facultativo do y, a troca do nn por nh e o l por lh, a sonorização do t e uso do r simples pelo geminado, por exemplo, barrete (barrete), tera (terra), era comum não se grafar o h no início das palavras como em omem, aver, omilde, e era frequente as palavras iniciaram com grupos consonantais, por exemplo: esmeralda, spagir, star. O x no final das palavras tinha o som de eis. Exemplo: sex (seis), lex (leis) e rex (reis) e por fim o u representava o v no começo ou no meios das palavras. Exemplos: uez (vez), caulagar (cavalgar).

Do ponto de vista da sintaxe e da morfologia o galego português caracteriza-se por possuir inúmeros substantivos e adjetivos com a terminação on, atualmente ão. Exemplo perdiçon, coração. Quanto à escrita e a pronuncia de algumas vogais, hoje é usado o acento grave (a crase), por exemplo, creer, leer, poer, teer, entre outras. Verbos terminados em *on* hoje correspondem a *ao* exemplo vieron, mataron. Ainda temos a desinência da 2º pessoas do plural em des como, por exemplo, amades, devedes, credes. Os participios verbais em eito equivalem aos participios terminados em ido. Exemplo: defeso (defendido), ofeso (ofendido). Os verbos

terminados em er, hoje correspondem aos verbos terminados em ir. Exemplo: *confunder* (*confundir*), *caer* (*cair*).

Além dessas características, a sintaxe a morfologia do galaico português usava as formas pronominais, que hoje estão em total desuso. Exemplos: *al* (outra coisa), *aquello* (aquilo), *aquesto* (isto). Os nomes terminados em *n*, *or*, e *ês* são do gênero uniforme com exceções das palavras *cortês* e *montês* que eram biformes. Exemplos: *senhor* (masculino/ feminino), *língua portuguesa*, *a infante*. Muitas palavras eram flexionadas em seu número e hoje não são mais como, por exemplo, *ourivezes*, *alferezes*. Ocorreu a mudança de gêneros de várias palavras como *fim*, *mar* e *cometa* eram femininas e *tribo*, *coragem* e *linguagem* eram masculinas e entre outras os participios desempenham sua função como, por exemplo, *ao mercador ali distantes* (*estando*).

2.3.1 A EVOLUÇÃO DO PORTUGUÊS MÉDIO AO CLÁSSICO

De acordo com Assis (s/d, p. 132), no início do século XV, Portugal sofreu grandes mudanças devido à crise da dinastia, a depressão econômica, decaída das zonas rurais, o crescimento da zona burguesia urbana, a peste a fome e a guerra que assolava a Europa. Após a morte de D. Fernando I, sucessor de D. Afonso Henriques, sua única filha D. Beatriz assumiria o trono. A herdeira do trono casou com o rei de Castela, ainda menina, encerrando muitos conflitos com as duas monarquias. A viúva de D. Fernando governou o reino até que um dos filhos de D. Beatriz completasse 14 anos e pudesse reinar Portugal. Esta decisão provocou muitas revoltas populares e a burguesia apoiou o Mestre Avis em oposição a antiga nobreza que apoiava o reino de Castela. No dia 14 de agosto de 1384, no combate de Aljubarrota, D. João I é proclamado rei de Portugal, nascendo outra dinastia.

Iniciada a nova dinastia, a Casa de Avis, promoveu novidades culturais e sócias em Portugal, como a fundação de escolas e bibliotecas, a contratação de *escrivães*, *professores* e *pessoas letradas*, nas cortes e nos domicílios da alta burguesia. São construídas algumas instituições como o mosteiro de Alcobaça, e o Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra, que exerce importante papel cultural. A transferência da Universidade em Lisboa (1288/1290), no eixo Lisboa-Coimbra

permanentemente para Coimbra (1537), além da mudança do palácio do rei em Lisboa, transforma essa região, outrora moçárabe, o eixo da dominação do Português. As mudanças que ocorrem no português exibem as características do sul e se forma a norma a ser seguida e Lisboa passa a ser referência urbanita e linguística e o português espalha para todos os ramos dos pensamentos.

A literatura passa a abranger outras áreas, além da classe clerical mesmo os mosteiros de Santa Cruz de Coimbra e de Alcobaça permanecendo como centros culturais. Na literatura os nobres enalteciam a cultura e tinham grande interesse em traduzir as novelas de cavalaria. Nesta época surgiu a historiografia e foi criado o cargo de cronista mor do reino, sendo nomeado Fernão Lopes.

Nos anos finais do século XIV, a prosa literária portuguesa desenvolve-se com a Crônica Geral da Espanha (1344), escrita por ordem de Afonso X, o livro o Sábio, e o Livro de Linhagens, de dom Pedro, conde de Barcelos. Com a extinção da escola literária galego-português, surge uma nova “atividade poética, a poesia palaciana, aparece na corte paralela a prosa”. (ASSIS, s/d, p. 133). A organização de obras escritas em português gera uma limitação do latim a tratados de filosofia, teologia ou científicos.

Em meados dos séculos XIV e XVI, o império ultramarino foi construído. No século XIV os portugueses descobriram os Arquipélagos de Madeira e de Açores, que foi colonizada nos século seguinte. “Em 1415, Ceuta foi tomada. Em 1488, Bartolomeu Dias dobrou o Cabo da Boa Esperança, Vasco da Gama chegou as Índias em 1498, e, em 1500 aconteceu o *descobrimento* do Brasil e de outras regiões em Malaca, China e Japão.” (ASSIS, s/d, p.134, grifo nosso). Em decorrência dessas “descobertas” e do sucesso ultramarino, o português obteve muitas influências das outras línguas para os lugares que foram levados. Essas conquistas refletiram no surgimento de novas palavras no vocabulário como, jangada, (palavra de origem da Malaia) e chá (origem chinesa), entre outras.

A evolução fonética do português europeu médio ao clássico se deu pela diminuição do sistema das africadas, extinção dos encontros vocálicos o que gera o desenvolvimento de uma consoante entre duas vogais, como por exemplo, sardina, sardi-a, sardinha. Houve a redução de duas vogais em uma única vogal, como por exemplo, lana, lâ-a, lâ, em seguida, a redução de duas vogais orais em um ditongo oral como em credo, cre-o, creio, e por fim a contração de uma vogal nasal e de vogal oral em um ditongo nasal. Exemplo: seno, s-o, seio.

A evolução fonética ocorreu por diversos processos como a diminuição das consoantes silábais. No português antigo tínhamos as silabantes surdas e sonoras, apico-alveolares, que foram herdadas do sistema da língua latina e eram escritas [s, ss] e se contrastavam com as predorsodentais, compostas por consoante dental [t] ou vela [k] e elemento vocálico palatal, que correspondiam aos grafemas [c, ç, z]. Em 1500, as duas africadas [ts] e [dz] perdem a partícula oclusiva inicial, mas a oposição existente entre os dois pares de fonemas permanece, pois o ponto de articulação não era o mesmo. Logo, a posição intervocálica era a seguinte (ASSIS, s/d. p. 136, grifo nosso):

Pre-dorsodentais	Apico- alveolares
c, e c antes de e e i. Exemplo: paço Sonoras /z/ escrito z. Exemplo: cozer	Surdas: /s/ escrito /s/ escrito s- e ss. Ex: passo. /z/ escrito- s. Exemplo: coser.

Quadro 2. Posições pré-dorsodentais e Apico-avelolares.(Fonte: Assis s/d, p. 136.)

No fim do século XVI, o português diminuiu de quatro para dois fonemas, e essa redução foi entorno das predorsodentais, iguais ao francês: Assim temos os dois fonemas: “-Uma predorsodental surda /s/; exemplo: paço e passo confundidos e Uma predorsodental sonora /z/; exemplo: cozer e coser confundidos.”(ASSIS, s/d. p136). Ocorreu ainda à união dos substantivos singulares terminados em ã-o, aneon.

Os nomes portugueses terminados em ão são de origem latim e causa apresentam terminações no singular: - anu, ão mano (latim), mão (português). No plural manos (latim), mãos (português). As terminações one, om, deu origem ao ão em português. Exemplos: leone, leom, no latim, e leão em português. Já no plural temos leonês (latim), leões (português). Ainda temos as terminações ane, ã, ao. No singular temos cane, cã (latim), cão (português) e no plural canes(latim), cães (português) e por fim as terminações unide, om ão. No singular temos, multitudine multidon (latim), multidão (português) e no plural, multitudines (latim) e multidão (português) e ainda temos a continuidade da distinção entre o b e o v no português comum: bala e vala, cabo e cavo e a pronúncia chiante de s e z implosivos.

2.3.2 A TRANSFORMAÇÃO DO PORTUGUÊS CLÁSSICO AO MODERNO

O aumento da produção escrita proporcionou a reflexão sobre a língua portuguesa o que conseqüentemente facilitou a elaboração das primeiras gramáticas, sendo elas: A Gramática da linguagem portuguesa, escrita por Fernão Lopes em 1536, e a Gramática da língua Portuguesa de João de Barros escrita em 1540. Estas gramáticas apresentam informações sobre a construção de frases e de palavras e servem como fontes de pesquisas para o estudo da língua, pois existem informantes que refletem as diversas mudanças linguísticas.

A língua não era mais vista apenas como um meio de comunicação, mas para servir como um objeto de estudo. O português começou a ser estudado e analisado suas características através de cartilhas, dicionário, gramáticas e vocabulários. Além do interesse linguístico, existia o interesse de propagar a língua e valorizar a solidificação do império. “[...] O interesse dos gramáticos em fixar uma norma da língua para ser ensinada poderia representar o nacionalismo e o ideal unificador e expansionista que vigorava em Portugal.” (ASSIS, s/d, p.138).

Muitas mudanças linguísticas foram encontradas em textos dos séculos do XVI e XV. A sintaxe e a morfologia foram conceituadas a partir das primeiras gramáticas, a língua saiu do período clássico e passou para o período moderno, no livro os Lusíadas de Luís Vazes de Camões (1572), o português nesta época já tinha a estrutura frasal quanto da morfologia muito próximo da atualidade.

Na metade do século XV e no fim do século XVII, Portugal e Espanha unem-se em consequência do enlace matrimonial entre reis portugueses e princesas espanholas. Pelo viés linguístico e literário a dominação espanhola instigou cada vez mais o interesse pela literatura castelhana proporcionando a entrada de várias palavras nos vocábulos castelhanos como é o caso de bobo, bolero, castanhola, caudilho, gado, moreno, galã, pandeiro e granizo.

A supervalorização do modelo clássico fez ressurgir o modelo frasal latino, sobretudo, o da sintaxe, em relação às orações subordinadas e ao léxico introduzindo inúmeras expressões latinas no vocabulário, por exemplo: indômito, arquétipo, hemisfério, entre outras. O léxico português tem como alicerce o latim, mas durante o Renascimento que muitos empréstimos eruditos foram apropriados de obras romanas.

Em razão disso desenvolveu-se o processo de derivação do latim literário ao invés do partir do termo popular do português correspondente. Em decorrência disso, atualmente existe adjetivos com radicais diferentes dos substantivos, por exemplo, ocular/ olho, digital/ dedo, capilar/ cabelo, áureo/ ouro, pluvial/ chuva. Esse processo foi responsável pela existência de muitas raízes diferentes no mesmo campo semântico. Em outros casos, ainda houve uma substituição de termos populares por termos eruditos como é o caso de palácio/ paaço, louvar/ loar, formoso/ fremoso, silêncio/ seenço e joelho/ goleho.

No final do século XVII, a língua portuguesa, ainda está sendo ampliada e seu padrão linguístico sendo alicerçada pela gramática, ortografia, dicionário e pela literatura. Nesta época é definido o padrão linguístico, a norma bem como é padronizado o modelo de instituição social.

De acordo com Teyssier (1994 *apud* Assis (s/d)), durante os séculos XIV e XVI, o português passou por mudanças na sintaxe e na morfologia, a partir desse momento pouco se alterou. Na morfologia, o adjetivo e o nome absolvem o efeito da evolução fonética. Os plurais dos nomes terminados em ao são inseridos como nas palavras mãos, cães e leões, bem como no feminino dos adjetivos ao, por exemplo, são/sã. Já na morfologia dos verbos os modelos tornam-se simples diante do efeito da analogia. Os participios passados terminados em udo da segunda conjugação cedem espaço para o ido como em perdudo para perdido.

Já os plurais dos substantivos terminados em I modificam-se em **is**, por exemplo, no singular sol, no plural sois, antes escrito soes. Da mesma forma ocorreu em cruel (singular) e plural cruéis, antes escrito crees ou crueis. São excluídas todas as formas átonas dos pronomes femininos (ma, ta e sa), também são excluídos o emprego do homem com sentido francês “on”. E por fim volta o uso das palavras em latim abstinência, apropriar, evidente, infinito, entre outras.

3. A FORMAÇÃO DO LÉXICO DO LATIM VULGAR AO PORTUGUÊS BRASILEIRO

3.1 FORMAÇÃO DO LÉXICO DO LATIM VULGAR

Como já foi discutido no capítulo anterior, a língua portuguesa passou por diversas transformações até chegar ao léxico do português moderno. Conforme Coutinho (2005), o latim vulgar caracteriza-se por apresentar um léxico que dá preferência ao uso de palavras compostas, derivadas ou sentenças perifrásticas. Por exemplo: *ccu'iste (iste), *permanescere (permanere), *hac, hora (nuc). Além disso, este latim atribuiu um sentido especial a algumas palavras do latim clássico como: comparare (comprar), pagannus (pagão), parentes (parentes). E por fim, pelo uso frequente de termos representativos de ideias na qual eram expressos de formas diferentes do latim literário como, por exemplo, caballus (equus), casa (domus), campus (ager). Para Ilari (1999), o léxico do latim vulgar pode ser dividido de duas formas:

A primeira investigando quais foram os processos mais produtivos para construção de novas palavras em latim vulgar e a segunda, qual foram as alterações de sentido apontando tendências que caracterizam o uso vulgar do léxico.

Habitualmente, o processo de formação de palavras é segmentado em dois grandes grupos: composição e derivação. A composição concerne na composição por justaposição, como é o caso da palavra res + publica originando a palavra república e a prefixação, como na palavra sub + mittere que originou someter. A gramática do latim vulgar faz menção às palavras compostas por justa posição são raramente considerados de natureza panromânico e indica classificação por tipos sintáticos dos que podem retomar ao latim vulgar, estes que são poucos:

Substantivo+ substantivo, por exemplo: lunaedies, martidies/ lunedì, martied.

Adjetivo+substantivo/ substantivo + adjetivo. Exemplo: medio die, em português media.

O processo de derivação pode ocorrer de dois modos: prefixação ou sufixação. A prefixação é, sobretudo, ativa no latim literário e só é ativa no latim vulgar em determinados verbos e poucos pré-verbos [sic] ad, dis, ex, extra, in, re. A grande maioria desses pré-verbos [sic] fazem parte da formação 'parassintética',

através do uso do prefixo + radical+ sufixo como, por exemplo, ad+ mort + ire, dis + are. Ao contrário da forma do latim clássico que tinha a percepção de lugar ou de repetição, os prefixos representam um aumento do reconhecimento como é o caso de re +manere, it. rimanere, rom. romenea, na qual a ideia de repetição não participa.

Para Maurer apud Ilari (1999), a sufixação é o processo mais produtivo para a criação de palavras no latim vulgar. Entre os sufixos mais produtivos ressaltamos: o substantivo e adjetivos terminados em-arius, por exemplo, pecorarius em português pegureiro, caprarius, em português cabreiro,-osus: squamosus em português, escamoso;-inus: damnus em português, daninho. .

Ainda temos os substantivo e adjetivos terminados em -(i)culus, -(i)cula, por exemplo, auricula em português , orelha;-ulus, -folius, -(i)olus: caveola em português, gaiola, -etum: arboretum em português, arvoredo, itia: mollitia em português, moleza, -itas: bonitate em português, bondade.

Por fim temos o verbo e o substantivo terminados em -alia: battalia em português, batalha, em francês bataille e -one: bibone > italiano beone.
-ura: mensura em português, misura, em francês mesure, em italiano misura.

Ilari (199) ressalta que o uso exagerado dos sufixos se encaixa no que parece ser uma tendência do latim vulgar, preferindo o uso de palavras maiores para obedecer ao cuidado com a expressividade. Logo, alguns desses sufixos perdem sua primeira significação. Por exemplo: iculus, -icula deixam de ser vistos como formadores de diminutivos, em outros casos há o desenvolvimento de novos significados apresentando a gramaticalização como é o caso de inus -one iniciando da chamada “ flexão de grau” dos substantivos, e o compara com o português.-inho e -ão e seus correspondentes românicos).

3.2 FORMAÇÕES DO LÉXICO DO GALEGO PORTUGUÊS

O léxico do galego português assim como o português arcaico e do português moderno tem como base o latim. Segundo Teyssier (procurar o ano), a influência das línguas d’oil e d’oc é muito intensa durante o período do galego português,

devido o convívio da dinastia de Borgonha, a fundação das Ordens de Cister, a chegada de franceses do Norte e do Sul a Portugal e a influência literária provençal. O resultado disso foi o empréstimo de muitas palavras no vocabulário como, por exemplo, a palavras francesas *dame* que deu origem a palavra portuguesa *dama* e *prestre* que originou a palavra *preste*. Do vocabulário provençal, veio o empréstimo das palavras *greu*, 'difícil', *alegre*, *manjar*, *rouxinol* (*roussinhol*), entre outras.

Na literatura temos o empréstimo das palavras eruditas e semi-eruditas [sic] que vieram diretamente da língua latina, e mesmo vindo de tempos muito antigos nunca caíram em desuso. Entre as palavras semi-eruditas [sic], ou seja, as palavras de ingresso mais antigas na língua temos: *mundo*, *virgem*, *clérigo* e suas palavras derivadas, *crégio*, *diaboo*, *escola*, *pensar*. Além dessas palavras temos os adjetivos de usos mais recentes terminados em *ico* (*plobico*, em português público, adotado em um documento em 1303).

3.3 FORMAÇÃO DO LÉXICO DO PORTUGUÊS

O léxico português desenvolveu um número amplo de termos que indicavam ideias e objetos relacionados à civilização científica e a técnica. Encontram-se no léxico a nova palavra para o objeto novo denominado *comboio*, mas na grande maioria dos casos recorreu às línguas neolatinas a seu modelo greco-latino, como por exemplo, *automóvel*, *autocarro*, *televisão*. A língua ainda continua a criar vocábulos eruditos, como desde o princípio. O que explicar as diferentes formas da mesma raiz, possuindo sentidos próximos, ou até mesmo sentidos contrários. Dessa forma temos: *artigo* (palavra semi-erudita [sic]), *artículo* (palavra erudita), *artelho* (palavra do patrimônio hereditário). O mesmo acontece com as palavras, *lídimo*, *legítimo* e *lindo*, ou com as variáveis *malha*, *mancha*, *mácula*, *mágoa*

Os modelos eruditos não ofuscaram as formas populares que executaram do mesmo modo que o português latiniza, como antes. Deste modo *fremoso* foi modificado *formoso*, *esprito* para *espírito*, os números ordinais *onzeno*, *dozeno*, *trezeno*, dão lugar para *décimo primeiro*, etc, e os superlativos terminados em *íssimos* adentraram a língua falada.

Os empréstimos das línguas europeias foram muitos e ainda perduram até os dias de hoje. Os principais empréstimos provêm do francês, sendo eles: chefe, boné, blusa, rouge, blindar, camuflagem, vitrina e chique. A procura aos galicismos entra em todas as áreas: se petiz (ao invés demiúdo), sendo uma simples inversão do francês como é o caso de constatar ao invés de verificar, dessa forma o galicismo é apenas semântico. Em suma, quase toda a fraseologia do português contemporâneo sofreu influências do francês. Outras línguas também colaboram para a formação do português contemporâneo, como o italiano deixou heranças das palavras arpejo, piano e sonata, e a língua inglesa depois da segunda guerra mundial.

3.4 FORMAÇÃO DO PORTUGUÊS BRASILEIRO

O Brasil é um país que possui aproximadamente oito milhões e meio de quilômetros quadrados e contem uma população de aproximadamente 207,7 milhões de pessoas atualmente, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), tendo como língua oficial o português. Esta população contribui de forma direta para o reconhecimento do idioma português e obter um reconhecimento internacional.

3.4.1 ORIGEM DO BRASIL

De acordo com Assis (s/d, p. 148) no dia vinte e dois de abril do ano de 1500, Pedro Alvares Cabral, chega as costas do Brasil e toma posse em nome do rei D. Manuel de Portugal. Ao adentrarem nas terras brasileiras os colonizadores encontram apenas índios e anos mais tardes os africanos são importados. Dessa forma, o índio, o português europeu e os africanos formam um tripé essencial durante o período da colonização, mas a cultura e a língua do português se sobressaem as demais. Os colonos portugueses falavam o português europeu, porém com marcas específicas com o passar do se distingue do português europeu.

Os índios e os africanos também aprendem o português, mas não falam “corretamente”.

Além do português europeu também existia as línguas indígenas, dentre elas destaca-se o tupi- guarani que é falada pelos índios das regiões costeiras. Teyssier (2001), afirma que ao longo do tempo o tupi permaneceu lado a lado do português, mas final do século XVIII, o tupi entra em declínio. Cinquenta anos depois o português extingue totalmente as línguas indígenas, entre elas a sua principal: o tupi, deixado apenas alguns resquícios no vocabulário brasileiro.

Em 1532 a colonização inicia após a divisão das 15 capitanias hereditárias. No início só o litoral é colonizado, após a fundação de São Paulo é iniciada a exploração do interior. No século XVII com exploração do ouro Minas Gerais é ocupado. O Brasil era um país rural no período da colonização e suas respectivas capitais, Salvador e Rio de Janeiro cumprem um papel administrativo, visto que não se tinham nenhum topógrafo nem universidade no país.

De acordo com Teyssier (2001) em 1822, o Brasil conquista sua independência e valoriza tudo inclusive as raízes indígenas, permitem a influencia da cultura francesa e recebem muitos imigrantes europeus de diversas nacionalidades portuguesas e também italianos e alemães. No ano de 1850, findou-se o tráfico de negros e a mestiçagem ocorrida com os índios proporcionou o clareamento da pele da população Brasil contemporâneo. Duas gerações depois, os novos povos com sua cultura povoam a sociedade brasileira. Concomitantemente o desenvolvimento transfere-se para o Centro-sul, e por fim chega à industrialização e urbanização em todo o país. Com o desenvolvimento e expansão demográfica o Brasil transforma em ‘subcontinente’, na qual existem regiões subdesenvolvidas formando o peculiar português brasileiro.

3.5 CARACTERÍSTICAS DO PORTUGUÊS BRASILEIRO

A Língua Portuguesa trazida para o Brasil no século XV, com o passar do tempo sofreu adaptação. Segundo Teyssier (1994) apud Assis (s/d, p. 154), o Brasil atualmente apresenta diferentes dialetos regionais entre os falantes urbanos e rurais(principalmente entre o norte o sul do país) devido a grande extensão

territorial, mas também existe uma consonância entre estudiosos da língua portuguesa que existe a diferença linguística esta que é diretamente ligada a classes social dos falantes.

O português brasileiro quanto à fonética caracteriza-se pela não ocorrência oposta dos timbres abertos e fechados das vogais tônicas e a quando seguidas de uma consoante, ocorrendo apenas o timbre fechado. Exemplos: cantamos com [â], no pretérito perfeito ou no presente do indicativo. A vogal média final fecha atona e, *i* e *o*, *u*, por exemplo, fali (fale), fálu (falo). É frequente o uso dos proclíticos e enclíticos são pronunciados com [i]. Exemplos: me (mi), te (ti), se (si), lhe (lhi), de (di), que (qui), entre outros. O l velar vocaliza-se. As palavras amável, brasil, e sol são escritas desse modo, mas suas pronúncias são: amávev, brasiw e sow. E extinto a distinção de mau (adjetivo) e mal (advérbio), permanece apenas no sul do país.

A supressão final do l é extinta, com vemos em generá general e coroné (coronel). Quando este som é em sílabas internas acontece uma troca, do l por o r como vemos em arto (alto), vorta (volta). Em algumas regiões do país o ti e di são oclusivas e o [t] e o [d] são palatizadas, como por exemplo, tio, mentiu e pentear. E por fim temos a ocorrência em certos registros familiares à supressão da do r no fim das palavras. Por exemplo: doutor, (doutô), fazer (fazê), pegar (pegá).

Na sintaxe e morfologia do português brasileiro encontramos aspectos conservadores e modernos. Essas singularidades são classificadas em duas categorias: as palavras que pertencem ao grupo de língua 'normal', que são consideradas 'certas', e as que pertencem ao grupo de língua vulgar, ou seja, 'errada'. No grupo dos 'brasileirismo certos' temos: uma predileção do uso de estar no gerúndio, em vez de usar estar + a no infinitivo. Por exemplo, no Brasil falamos está escrevendo e em Portugal está a escrever. Houve a perda do artigo no uso dos possessivos: minha bicicleta (Brasil), a minha bicicleta (Portugal). O pronome átomo foi posto em posição proclítica, exemplo: 'Maria se levantou', e não 'Maria levantou-se'. É normal o uso da expressão 'a gente' ao lado de 'todo mundo'.

Já no grupo dos brasileirismos que pertencem ao uso 'vulgar' é comum escutar frases negativas como: eu não sei não, ou não sei, usar mim no lugar de eu, por exemplo, p'ra mim comer, no lugar de para eu comer. Também é corriqueiro usar o verbo feito com o mesmo sentido de com. Exemplo: a mulher chorava feito uma

criança (a mulher chorava como uma criança). É frequente o emprego de das formas tônicas ele(s) ela(s) com a função de objeto direto em vez de usar os átonos o(s) e a(s). Exemplo: vi ele (o vi), não conheço ela (não a conheço). E por fim quanto à flexão verbal ela pode ser simplificada. Não se faz uso do emprego do futuro e o infinitivo flexionado há uma diminuição dos tempos verbais. Por exemplo: eu devo, tu deve, ele deve, nos deve.

O léxico é composto por referências de objetos e noções das especificidades do mundo moderno em conhecimentos científicos, técnicas ou sócias. Por exemplo: em Portugal temos o comboio, no Brasil o trem; o autocarro em Lisboa, o ônibus no Rio de Janeiro, a hospedeira em Portugal, a aeromoça no Brasil, a espátula (Brasil), o a faca de cortar papel ou o corta-papel em Portugal e o terno (Brasil), ao fato em Portugal.

É bastante comum o uso frequente de neologismos meia (abreviação de meia dúzia por seis). Herdamos ainda do vocabulário de origem tupi as palavras que representam a fauna e a flora e expressões em tupi: capim cupim, caatinga, abacaxi, buriti, capivara, tatu, moqueca, cunha, curumim, sagui, andar na pindaíba, sair da tocaia, cair na arataca, Aracaju, Guanabara, carioca e Tijuca. E por fim, ainda temos as palavras africanas que adentraram no nosso vocabulário. Algumas palavras vieram direto da África, outras foram incluídas pelos portugueses: o ioruba, falado na Nigéria atualmente, orixá, vatapá, abará, acarajé e quimbundo, são falados em Alagoas. Exemplos: caçula, moleque, cafuné e molambo.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Língua Portuguesa, assim como todas as outras línguas é o resultado da constante evolução que ocorreu durante muitos séculos. Do latim surgiu o português e as demais línguas neolatinas. É importante conhecermos a origem da nossa língua e fazer com que os nossos estudantes compreendam a importância que o latim tem para o significado de muitas palavras.

É de suma importância para a formação do alunado que as aulas de língua materna contemplem outros aspectos da língua, além do morfológico e sintático sob o olhar normativo. As aulas sobre história da língua portuguesa buscam refletir a compreensão de como surgiu a língua portuguesa, como ocorreu sua evolução e como ela disseminou-se no oito países (incluindo o Brasil), que falam português, e como o latim influenciou na formação do léxico do português brasileiro.

Com a análise do livro didático chegou-se a conclusão de que o estudo da formação do léxico do português na escola ainda é muito deficiente, ou seja, os autores didáticos Cereja e Cochar trazem de uma forma muito sucinta os aspectos históricos da História da Língua Portuguesa. Dessa forma, percebemos que os títulos da unidade e do capítulo são inadequados aos conteúdos que são trabalhados. A unidade (01) um é nomeada “no mundo da fantasia” e o capítulo dois (02) “Pato aqui, pato acolá”. O capítulo dois que se refere a estudo histórico do processo de formação de palavras e é iniciado com o estudo literário sobre contos maravilhosos como mostra as duas primeiras páginas do capítulo. Depois desse estudo, os autores iniciam os estudos sobre as variações linguísticas, bem como os seus tipos, as diferenças históricas e a língua portuguesa no mundo.

É surpreendente como em quatro páginas os autores resumem os estudos sobre a história da língua portuguesa que começou no século III a.C. Foi verificado que o que acontece nas variantes “arto”, e alto “bicicreta (bicicleta) e “carderneta” (caderneta) é um fenômeno chamado rotacismo e que na palavra “quirida” ocorre a alternância na fonética de **e** e **i** característica do português brasileiro. Os autores apresentam vintém e toleirona como palavras que caíram em desuso, porém não foram só elas que deixaram de ser usadas. Sabemos que a língua é viva e ela está em todo tempo se adaptando. As palavras alpercata (sandália), ceroula (cuecas compridas), sirigaita (moça mal-educada), labisgoia (vagabunda), quiproquó

(confusão) e os pronomes de tratamentos na época do Brasil colônia como “Vossa mercê”, atualmente (você), fizeram parte do vocabulário dos brasileiros durante muito tempo. E sobre a Língua Portuguesa no Mundo é exposto que ela é falada em quatro continentes, mas não especificam como a língua foi disseminada.

Espero que o nosso trabalho seja um incentivo para os professores trabalharem como a história da língua portuguesa de uma forma mais completa e eficaz. Ao longo deste trabalho foi tratada a questão do ensino, mas cabe a cada profissional da língua, se utilizar das ferramentas digitais e procurar inovações e informações mais completas para o aprofundamento deste tema, e saber de que forma trabalhar o processo de formação da língua portuguesa.

Dessa forma, consideramos que o tema dessa pesquisa é pertinente para contribuição do crescimento dos profissionais da Língua Portuguesa. Pressupomos assim, que esta pesquisa sirva para o auxílio dos professores de L P, possibilitando a reflexão dos materiais didáticos usados por eles, e se são suficientes para a realização das aulas de língua materna ou se é preciso buscar outros materiais complementares para que o processo de ensino- aprendizagem ocorra de forma eficaz e obtenham bons resultados.

REFERÊNCIAS

ASSIS, Maria Cristina de. **História da Língua Portuguesa**. S/D. Disponível em: <http://biblioteca.virtual.ufpb.br/files/historia_da_lingua_portuguesa_1360184313.pdf>. Acesso em: 07 dez. 2017.

CEREJA, William Roberto; COCHAR, Tereza Magalhães. **Pato aqui, pato acolá**. In ____ Português linguagens. 9 ed. São Paulo: Saraiva, 2015.

COUTINHO, Ismael de Lima. **Gramática Histórica**. 19 ed. Rio de Janeiro: Império Novo Milênio, 2005.

ILARI, Rodolfo. **Linguística Romana**. 3 ed. São Paulo: ática, 1999.

OTHERO, Gabriel de Ávila. **Introdução ao Estudo da História da Língua Portuguesa**. 2003. Disponível em: <www.uern.br/professor/arquivo_baixar.asp?arq_id=4824> . Acesso em: 07 dez. 2017.

TEYSSIER, Paul. **História da Língua Portuguesa**. Tradução: Celso Cunha. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.